

AURORA DE BARCELLOS

CASTIGANDO



A individuos, que cheios de balôfã prosapia, empunham uma penna, acto que a todos, que aprenderam a escrever, é licito fazer, e, como divindade de sabedoria, se atrevem a criticar escriptores com principios, cousa que os taes individuos nunca tiveram.

A critica, para ter a verdadeira auctoridade, é necessario que seja feita por pessoas de merito.

Um individuo, sem cabedaes litterarios, sem os rudimentares principios de grammatica, a criticar tudo, a tôrto e a direito, conquista os louros de parvo.

Esriptores, que escrevem ás apalpadellas, devem limitar-se a escrever para aprender, e fazer por conseguir atravessar por entre os outros, sem que levem uma valente surriada; mas a ignorancia de muitos leva-os ao precipicio de sahirem fóra d'esta linha de conducta e a praticar o pedantismo de sensurar os outros.

Vêm estes factos affirmar que é mais que veridico este dictado:

A ignorancia é muito atrevida.

Ha cães que ladram á lua!

Esses palavriados nunca tornaram pessoa alguma notavel.

Dizer-se que, geralmente, quem escreve só escreve ninharias, nada faz que tenha valor, é escrever tambem sem valor, é não ter merito algum.

Quem assim faz, melhor procederia, empregando seu tempo em publicar qualquer obra de interesse, para se distanciar dos que escrevem cousas futeis, porque assim envolve-se com elles.

Que cousa mais futil haverá do que estar sempre a barafustar contra todos os que escrevem para publico, sem nunca poder dizer nada de merecimento.

As bichas não pegam assim; um homem não se torna notavel com esta *verrina*.

Dizer assim sabe-o qualquer typorio, *limpa-chaminés*, *barquilha* ou ainda de mais modesta posição.

Quem não tem cerebro para cousas de maior alcance, gasta o seu tempo em piéguices d'esta forma, que não tem cotação entre nós.

Não será de arrelhar ouvirmos o Miguel Zarólho a discutir sobre assumptos diplomaticos?!

Não estará fora de proposito o Gaspar Louceiro apresentar-se com ares de dandy namorista?!

Não nos causaria arrepios ouvirmos um burro a querer cantar a Traviata?!

Não estaria fóra de proposito apresentar-se um bácoro a valsar ao pianno?!

Não seria horroroso um cão assentar-se a uma mesa de selectos convivas?!

Nós não nos queremos arvorar em enxota-cães; mas é indispensavel que os taes individuos abram os olhos e se colloquem no seu logar.

A modestia é companheira dos homens grandes e o pedantismo é para os réles ignorantes.

UM CONTO D'UM MESTIÇO

*Com a immundice, muitas vezes,
cultivam-se bellezas.*



Em 1807 Napoleão mandou invadir Portugal por um exercito, tirado da infima ralé franceza, formado unicamente de vagabundos, d'uma corja de ladrões, de assassinos, gente sem honra, sem amor de familia, porque a não tinham; o seu amor, a sua honra, a sua familia era a devassidão e o crime!

A arvore geneologica d'aquelles bandidos tinha as raizes no punhal, no trabuco e na gazua.

Um exercito composto de tão *inclita* gente, poderia roubar, assassinar, incendiar, forçar mulheres indefezas, mas nunca conquistar!

Dentro d'aquellas fardas não batiam corações guerreiros; era um carnaval de marotos, que teve a digna paga do senbrio de *bravos* n'uma monumental derrota.

Fazia parte d'esta legião de *tunantes* um francez, que era castrador de cavallos, (alem d'outras profissões) e contam que Napoleão lhe ordenára que lhe castrasse uns *cavallos brancos*, que tinha nas cavallariças d'uma povoação, chamada *Porcalhota*.

O *grande mestre*, em vez de encafiar os pés em *sapatos de amieiro*, como usam os seus collegas de cá, metteu-os n'uns chinellos de liga, calçado indispensavel a *quem não quer ser presentido*, e tão bem se desempenhou da sua missão, que Bonaparte lhe concedeu uma medalha, na qual se via o primoroso retrato d'um **bácoro!**

Este soldado ficou por cá, e estabeleceu relações amorosas com uma *zoupeira* qualquer, da qual houve um filho.

O papá morreu e o néné, depois de mirar e remirar a medalha de seu progenitor, dedicou-se a fazer *operações* em porcos: foi capador.

Este casou-se e d'ahi nasceu um rapazote, que não quiz saber da medalha, quebrou-a, fel-a em pedaços, e despresou a carreira em que seus passados se tinham tornado notaveis, dedicando-se ás letras.

Este, apesar de mestiço, franco-portuguez taes talentos tem patenteado, que actualmente é admirado entre nós, como Victor Hugo o foi, na patria dos avós *honrosos* do nosso heroe!

... Quem foram elles?

Uns bravos *Napoleonicos*!

Não será muito possivel conseguir-se a certidão do seu baptismo e de bom comportamento; mas isso que importa?

No estrume nascem formosos tortulhos, com elles cultivam-se bellas flores: do estrume nasceu um grande talento, descendente da ralé, mas *altamente nobre á sua custa!*

O homem não nasce: faz-se. O nosso heroe fez-se, quebrou a celebre medalha, a portuguezou-se, coçou-se pelos livros e pelos nobres e hoje é um *talento*, é um *nobre!* A sarna tambem se apanha assim. A França alguma coisa boa nos havia de dar...

Saudade

*Consente, virgem, que te sagre um canto:
após o pranto da suadade immensa,
deixa que ao menos o teu nome veja
e que luz seja d' esta noute densa!*

*Essa alma tua é generosa e nobre,
eu sou tão pobre! de mim, ai! tem dó!
bem pobre sim! que teu amor mendigo,
e sou captivo, de ti longe, só!...*

*Sem ti o mundo é para mim deserto,
Abysmo aberto do furor da sorte!...
E, da dôr no auge, minh' alma, oprimida,
Despresa a vida pr' abraçar a morte!*

*Porem, se vica me surge uma esp'rança,
doce bonança me adrem á dor;
em cada espinho, que me rasga o seio,
sorrindo, creio ver mimosa flor!*

Messicof.

LE PETIT GARÇON IMPOLI

Vemo-nos infelizmente obrigados a bradar contra as desgraçadas e desengraçadas pilherias que a *Lagrima*, jornal tão estimado pela ralé barcellese, ha tempos vem publicando. Despresando a maior parte d'essas tristissimas piadas sahidas da enorme e porquissima cabeça d'um anão com fumaças de intelligente, que para o dito jornal escreve, vamos tentar fazer vêr aos nossos pacientes leitores o quanto è deploravel vermos n'um indecente jornaleco que a maior parte das vezes só se occupa das regateirisses da Nacha ou das asneiras do Paepóte, um artigo (se isto se lhe deve chamar) referindo-se às senhoras de Barcellos.

Desde ha muito que o tal jornal devia ter acabado para bem da moralidade e do seu proprietario que nunca julgamos capaz de consentir na publicação do tal artigo. Porem a cabeça do tal anão é tão fecunda em ideias quanto o é em certos bichinhos que lhe povoam a desalinhada cabelleira; e por tanto concebeu este atarracado jornalista a ideia de mostrar a sua intelligencia escrevendo (como já disse) referindo-so em taes termos ás senhoras, como nunca em parte alguma se viu e que por força deve melindrar o bello sexo. Vejamos esta parte do tal artigo:

...Devo dizer-lhe contudo minhas senhoras—para ser inteiramente justo, como desejo—que não é só por culpa de Vocencias que possuem essa vaidade a que me refiro. O principal factor que a produziu foi a pernicioso educação que receberam.

Isto é só d'uma desfaçatez e d'um atrevimento inaudito e só n'um jornal tão relaxado è que poderia admittir-se! Imitando o estylo do desgraçado artigo, devemos nós dizer contudo ao tal jornalista que è bem certo este dictado: *Ninguém ve o argueiro no seu olho!* Ninguém como elle recebeu educação pernicioso, como aqui poderíamos provar, mas que julgamos desnecessario, porque è suficiente para isso o artigo a que me venho referindo.

As damas de Barcellos podem ainda puxar pelas orelhas ao auctor do artigo; mas, no caso de o fazerem, lembramos para que o façam calçando umas luvas já usadas, que deverão deitar fóra, porque as orelhas do anão são o cumulo da porcaria.



O sr. Manoel Affonso veio declarar-nos que o vinho a que se refere a *Lagrima*, era d'uvas que comprou ao auctor do mesmo escripto, razão esta porque se chamam de cão.

Tambem nos disse que o referido auctor è conhecido por este apellido, em vista de ladrar muito bem.

AO EX.^{mo} SR. CONSELHEIRO SILVINO DA
CAMARA, INSPECTOR GERAL DOS
IMPOSTOS:

HA dias os empregados da companhia dos phosphoros foram a Ponte do Lima e apprehenderam oito saccos com 145 grosas de lumes de pau. Como n'aquelle villa não estivesse o encarregado da inspecção dos impostos não pôde lá ser instaurado o respectivo processo de apprehensão, motivo porque os lumes tinham de ser conduzidos para Vianna do Castello. Como os empregados não os pudessem transportar n'essa occasião, deixaram-nos depositados n'uma casa de confiança e d'alli a dois dias, o agente Barros, tratou da sua conducção para o Tamel, sendo conductor Manoel da Barca, que de Ponte do Lima faz para a estação d'aquelle lugar a carreira diaria. Ao cocheiro foi dada uma senha em que constava o nome do guarda fiscal apprehensor, numero de companhia e a quantidade de grosas de lumes bem como o local d'apprehensão.

O mesmo cocheiro recebeu ordem para os entregar no Tamel em casa do agente Coutinho, o que deixou de fazer por lá não encontrar ninguém entregando-os em uma venda que ha no mesmo lugar e declarando á vendeira os empregados a quem elles pertenciam, e que alli os iam buscar no mesmo dia ou no seguinte. Recebeu-os o vendeiro tomando para tal fim testemunhas na previsão de qualquer encommo, e esperava pelos empregados para tomar conta, os quaes no dia seguinte de manhã, foram com um carro de Barcellos para os conduzir ao seu destino.

Mas que decepção?!

Quando chegaram ao local, os phosphoros tinham sido agarrados por um empregado dos impostos, que estava de serviço na estação.

Pela forma como foram levados para alli, em face da declaração de que pertenciam aos empregados da Companhia, bem poderia o zeloso funcionario conhecer quando se tratava de illudir a sua *sagaz vigilancia*; mas, aqui não predominava o desejo de bem acertar, havia apenas a **mira nos mil reis** que a multa poderia dar, e era esse o zelo do nosso homem, cheirando-lhe tão bem a multa como a um pedigueiro cheiraria manteiga.

Se tivesse na mente o cumprimento dos seus deveres, nada mais facil do que dirigir-se ao seu chefe e certificar-se se os phosphoros, effectivamente, tinham sido apprehendidos pelos empregados da Companhia. Assim evitaria complicações, seria correcto o seu serviço.

Os empregados da Companhia dirigiram-se ao dito dos impostos,

exigindo-lhe a entrega dos phosphoros, recusando-se este a dar-lh'os e dando voz de prisão ao guarda fiscal apprehensor!

Este senhor empregado dos impostos, por certo, ama os conflictos; tem predilecção por serviços tumultuarios e sobretudo tem uma paixão cega pelos cobres das multas conseguidos sem risco nem trabalho! . .

O empregado da guarda fiscal, desenleou-se do estorvo, e o teimoso teve de ceder e ficar sem os amados lumes de pau, que tanto segurava!

O ponto mais importante é que os lumes foram guardados n'uma sala que fica contigua á casa da venda, e o homem fôra de horas para passar buscas, sem mais formalidades, entrou só pela casa dentro e apoderou-se d'elles sem que prendesse ninguem da casa, caso que constitue uma irregularidade, da qual se pretendeu salvar, indo pedir á gente da casa para que dissesse que os lumes foram apprehendidos na rua, e não em casa. Tudo isto é um serviço repugnante, em busca de dinheiro de multas, sempre em risco de conflitos, que bons eram de evictar se presidisse a isto a seriedade e o desejo de accertar.

Ao sr. Conselheiro Silvino da Camara cumpre castigar este zelo em abrir conflictos e dar instrucções para que os seus empregados evitem estas scenas, que só servem para gaudio do publico.

O empregado que vimos zurzindo, na vespera do dia em que lhe foram conquistados os amados lumes de pau, ainda praticou uma outra acção pela qual corroborou a má ideia que faziamos da sua pessoa.

Dirigia-se á estação, afim de embarcar no comboio, um sobrinho do sr. capelão do 20, que trazia fazenda para uma roupa, comprada em Ponte do Lima, e, sendo-lhe perguntado pela guia, respondeu-lhe que quando comprava fazenda para um fâto nunca costumava trazer guia.

O que é certo é que conseguiu apanhar-lhe 2900 reis, debaixo não sei de que pretextos, e aconselhou-o a que fosse entrar na estação de Carapeços, pois que no Tamel entrariam no comboio o chefe d'elle empregado e outro seu collega que o poderiam prender

O homem assim fez, mas como era portador de bastante dinheiro e entre Tamel e Carapeços é *sítio geitoso*, fez-se acompanhar por dois homens, a quem pagou para não ser assaltado pelo caminho, caso que elle receiava, em virtude do que vinha de acontecer-lhe.

Entrou na estação em Carapeços e encontrou-se com o encarregado dos impostos d'este concelho e demais empregados a quem contou tudo que lhe acontecera, sendo asperamente exprobado por estes empregados o procedimento d'aquelle seu collega, que, segundo diziam era a sua vergonha.

E' que os empregados dos impostos, que actualmente estão em Barcellos, são funcionarios zelosos no cumprimento dos seus deveres, honestos e sem amor por conflictos, o que sobremaneira os honra.

Unicamente aquelle os deslustraria, se não soubessem guardar as devidas distancias.

Não era mau os empregados da companhia, andar de dia e de noite lá por longe e um typorio d'estes, recostado n'uma estação, á espera de multas, que tanto custaram a outros, e extorquindo dinheiro aos passageiros, que ingenuamente se lhe deixam cahir nas mãos!

Se quer dinheiro arrisque a saude, a vida e vá agarrar os lumes por sitios ermos; escusa de esperar na estação, que todos sabem bem que V. está lá e ninguem lh'os vae levar ahí de proposito.

Pode limpar as unhas que fez dous lindos serviços!

Por esta forma podia V. dizer que o dinheiro lhe era deitado em casa pelas telhas do telhado.

Descance que o contrabando não vae ter assim consigo, só dando-se o caso de V. assim o ter combinado, com a declaração de fazer vista grossa.

Sempre nos sahiu um pilha contrabandos!...

Parece que o homem tem iman para os attrahir a si!

Nós chamar-lhe-iamos pateta se não fôra outro o seu nome; mas fiquemos por aqui.

Ao Exm.º Snr. Conselheiro Silvino da Camara cumpre premiar os *bons serviços d'um empregado tão zeloso*. E' preciso dar-lhe algum descanço, porque ficou muito fatigado pelo trabalho que teve com as duas perigosissimas apprehensões.



Brevemente chega o nosso irmão do Brazil, que promette introduzir grandes melhoramentos nas nossas officinas.

Estamos esperando por elle, como pela vida do Messias. Quando elle vier contámos que havemos de saborear bellas latas de goiabada e outras comesainas, que nos fazem impacientar pela demora.

Ai manol manol que se elle vem tira-nos a barriga de miserias!

Vamos telegraphar-lhe para que traga tambem cacháça e outras bóbidas da nossa predilecção.

Bem dizia o typographo Zacharias:—deixa estar!.. deixa vir o meu irmão do Brazil. . .